

NOTA HISTÓRICA

A Faculdade de Medicina da Bahia na Época de Nina Rodrigues

The Medical School of Bahia in Nina Rodrigues Era

Antonio Carlos Nogueira Britto

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins

Durante alguns períodos da vida de Nina Rodrigues como lente de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, são exibidas descrições sinópticas dos óbices apresentados ante o ensino de Medicina Legal em 1891 e 1896 e do planejamento do ensino médicos nos anos de 1902, 1903 e 1905, além da exibição de estampas narrativas que representavam o rudimentar planejado arquitetônico do edifício da Faculdade. Mostram-se aligeirados informes das tentativas de melhoramentos da então acanhada edificação, de construção pesada e de interior mal dividido nos anos de 1882, 1884, 1885, 1891, 1902 e 1903, além de considerações sobre as obras de um novo e amplo prédio da Faculdade, edificado após violento incêndio, em 1905, e inaugurado em 31 de janeiro de 1909. Aproveu ao destino, que Raymundo Nina Rodrigues não tivesse a fortuna de assistir o término das construções da moderna Faculdade de Medicina da Bahia e do hodierno gabinete de Medicina Legal, pois faleceu em Paris, em 17 de julho de 1906, em um quarto do Nouvel Hotel, 49, *rue La Fayette*, antiga *rue Charles X*. Tão logo o vapor nacional Bahia, transportando o preparatoriano Nina Rodrigues, procedente da província do Maranhão, fundeou no porto da Bahia, em 9 de março de 1882, dirigiu-se aquele estudante, no dia seguinte, à Faculdade de Medicina da Bahia, de posse dos documentos precisos, para matricular-se no curso médico. Tais manuscritos inéditos do tirocínio escolar das disciplinas de instrução secundária realizada na sobredita província, além de outros documentos, foram descobertos pelo autor, os quais foram inclusos à petição dirigida por Nina, em 10 de março de 1882, ao diretor Conselheiro Francisco Rodrigues da Silva, requerendo que fosse matriculado na primeira série do curso de medicina, a qual foi referendada, não obstante a revista *Gazeta Médica da Bahia*, de agosto de 1906, informar que Nina estudou no Rio em 1882. Dado a lume este artigo, ainda não foram encontradas pelo autor na Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia, as fontes primárias e secundárias referentes ao tirocínio discente de Nina Rodrigues. Outrossim, não obstante o interesse e empenho, em busca incessante, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em atenção ao pedido do autor, formulado ao diretor daquela Escola, solicitação reiterada pelo diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia, ainda não foi localizada naquela instituição a documentação relativa ao acadêmico Nina Rodrigues nos anos de 1882, 1883 e 1887, período em que lá estudou e colou grau em Medicina pela Faculdade do Rio, em 1887. Além da constatação, na Faculdade de Medicina da Bahia, de vácuos no acervo historiográfico respeitante ao aluno Nina, comprovou-se a privação de bibliografias da lavra do cientista, onde deitou sabença. Não obstante as escassas fontes sobre Nina Rodrigues, o autor abeberou-se de material de pesquisa da Faculdade de Medicina da Bahia: livros de atas da Congregação e alguns volumes das Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia. Do acervo do autor, foram estudados três volumes da Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia e exemplares da *Gazeta Médica da Bahia*. O mesmo acredita que obras científicas de Nina Rodrigues poderão ser perlustradas, em breve, quando proficientes especialistas concluírem a restauração dos milhares de corrompidos volumes da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia.

Palavras-chave: Faculdade de Medicina da Bahia, fatos mais notáveis, edifício da Faculdade, época de Nina Rodrigues, período: 1882-1906.

This paper shows a general review to the years 1891 and 1896, in terms of noteworthy difficulties of Legal Medicine teaching on the history of the Faculty of Medicine of Bahia at the stage of life of Nina Rodrigues as a professor of this discipline. A planned work and activity concerning to the medical teaching in the years 1902, 1903 and 1905 are displayed. A slight descriptive pictorial recording unveils the old-fashioned architectonic drawings up plans concernig to the building of the Faculty of Medicine and shows off the endeavor to change and improvement of the appearance of its narrow and severe structure with its inside divided into uncomfortableness rooms during the years 1882, 1884, 1885, 1891, 1902 and 1903. Description about the building of a brand-new and huge edifice is displayed which set up after the wrack brought about a great fire in 1905. The new building of the Faculty of Medicine celebrated formally the first use to medical students on January 31th, 1909. However, in view of the fact that Nina Rodrigues died in Paris on July 17th, 1906, on the Nouvel Hotel bedroom, 49, rue La Fayette, former rue Charles Xth, destiny has refused to allow him in attending the end of the works of the new edifying in the latest style of the Medical School of Bahia building as well as the modern Forensic Laboratory with brought up to date scientific equipment for teaching Legal Medicine. As soon as the brazilian steamship Bahia called at the cidade da Bahia port, on March 9th, 1882, transporting from the province of Maranhão the young boy Nina Rodrigues, as a pupil of a preparatory course, he moved in the next day forward the Medical School of Bahia holding his very precious documents in order to put himself onto the official list as an applicant for a member of the medical course. The author of this paper found and made known the set of inedited documents recording Nina's group of preparatory course subjects studied in province of Maranhão school. Those papers with worthy written information as well as differents documentes were included to a formal application made by Nina in March 10th, 1882, to the director of the Faculty of Medicine of Bahia, Francisco Rodrigues da Silva, Counsellor of the Emperor of Brazil, for the purpose of attending the first year of the medical school. In spite of Nina has been formally matriculated in 1882 at the Faculty of Medicine of Bahia, the periodical Gazeta Médica da Bahia, issued in August, 1906, recorded that Nina studied in Rio during that year. At the time wherein this paper is been publised, the author couldn't find out sources conncerning to the student Nina Rodrigues events and activities of which took place at the medical school of Bahia. The author made a request to the director of the Faculty of Medicine of the Federal University of Rio de Janeiro, which was said over again by the director of the Faculty of Medicine of Bahia – Federal University of Bahia - for searching of the above-mentioned documents concerning to the years 1882, 1883 and 1887, when Nina received the medical degree in Rio. Unfortunately, they were not found out yet, notwithstanding the engage of attention and interest of the Faculty of Medicine of Rio in attending the author request for searching out. It was verified the lack of historical assortment of documents in regard to the young Nina. Evidence was accumulated in proving the absence of notice regarding Ninas's books in which he poured his wisdom. Nevertheless, the author made use of searching original medical works belonging to the Faculty of Medicine of Bahia as books of proceedings and register of the meeting of professors as well as some volumes of the Memórias Históricas da Faculdade de Medicina da Bahia. The author searched 3 volumes of his own – Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina and volumes of the Gazeta Médica da Bahia. In a short time Nina's works will be analyzed as soon as the skilled restauration of Medical School of Bahia thousands of damaged books is finished.

Key words: Faculty of Medicine of Bahia, noteworthy events, faculty building, Nina Rodrigues, period: 1882-1906.

Recebido em 9/11/2006

Aceito em 30/11/2006

Endereço para correspondência: Dr. Antonio Carlos Nogueira Britto, Rua Dr. João Pondé 162 (Apto 102), bairro Barra, CEP: 40.140.810, Salvador, Bahia, Brasil, Tel.:71 32640085. E-mail: nogueirabritto@yahoo.com.br. Observou-se rigorosamente a ortografia da época, transcrição paleográfica, em determinados textos, que estão digitados em itálico. (1882-1906).

Com o escopo de ser mais sintético e preciso e considerando o longo período da era de Nina Rodrigues, que teve início desde 1882, quando cursou o 1.º ano de medicina, até o ano em que faleceu, 1906, e atentando para a escassez e falta de fontes concernentes à sua vida acadêmica nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, além dos óbices em localizar a extensa bibliografia do cientista em estudo, o autor decidiu tecer tão-somente considerações por ele julgadas mais relevantes para levar a efeito o presente artigo em derredor dos períodos exarados no resumo deste trabalho.

Quinta-feira, 9 de março de 1882 – O vapor nacional *Bahia*^(1,6), da *Companhia Brasileira de Navegação a Vapor*, procedente da Paraíba, com escalas na Bahia, Santos, Desterro, (atual Florianópolis) e Porto Alegre, singrava em mar encarneirado e ferrou o porto da cidade da Bahia, procedente do Norte. Desceram a estreita ponte passadiça do portaló, a estibordo, 79 viajores, e percorreram caminho a pé, sem tardança, em fila, até o amanuense do “*Commissariado da Policia do Porto*”. Dentre eles, estava um moço, pouco robusto e de olhos tristes, os quais, todavia, tornavam visíveis o robusto talento e notáveis dotes intelectuais do mancebo. Era o estudante preparatoriano Raymundo Nina Rodrigues, vindo da província do Maranhão, onde houve berço a 4 de dezembro de 1862^(1,6). No dia seguinte, pela manhã, o dito aluno quedava no centro do largo do Terreiro de Jesus, próximo ao chafariz, cercado por grade, da Companhia do Queimado, criado em 1852, para abastecer de água a cidade. O rapazo mirava a antiga e imponente igreja do Colégio dos extintos Jesuítas e o provento edifício da Faculdade de Medicina da Bahia, de fachada mal conservada e de aspecto grave. Observou as armas do Império colocadas no frontispício da porta principal da Escola de Medicina, na ala do antigo “Noviciado” e “internato” do Colégio, situada ao lado esquerdo da igreja. Sobreçando seus documentos precisos para a matrícula no primeiro ano do curso médico, o moço do Maranhão deu os primeiros passos no interior do prédio da Faculdade de Medicina da Bahia.

O jovem Nina passou às mãos do amanuense da secretaria da Faculdade petição escrita do próprio punho e datada de 10 de março de 1882, dirigida ao diretor, Conselheiro Francisco Rodrigues da Silva, requerendo que fosse matriculado no primeiro ano do curso de Medicina. Ao sobredito requerimento juntou manuscrito original do instrumento dado em pública forma em Vargem Grande, província do Maranhão, aos quatorze de junho de 1876, onde estava consignado o assentamento do batizado do “innocente” Raymundo, filho legítimo de Francisco Solano Rodrigues e dona Luíza Rosa Ferreira Nina. O infante foi batizado solenemente aos doze de dezembro de 1863 na Fazenda Santa Severa e posto os santos óleos pelo padre Raymundo José Lecont da Fonseca, Presbítero Secular e vigário Colado na freguesia de São Sebastião do Iguará. Foram padrinhos Antonio José Maya, representado pelo tenente Raymundo Alves de Abreu e dona

Rosa Bernardina Ferreira Nina; manuscrito firmado pelo Dr. Francisco Joaquim Ferreira Nina, Doutor em Medicina pela “Faculdade da Bahia”, atestando que o “Sr. Raymundo Nina Rodrigues foi vacinado há tres annos mais ou menos – Maranhão, 1 de Março de 1882”; 10 (dez) manuscritos de certificado de aprovação em “Exames Geraes”, expedido pela “*Secretaria da Delegacia especial da Inspectoria Geral da Instrucção Publica da Corte em Maranhão*”, firmado pelo secretário Antonio Aniceto de Azevedo, com datas de 13 e 14 de fevereiro de 1882. Nina Rodrigues foi aprovado “*plenamente*” nos exames de Português e Álgebra e aprovado “*plenamente com distincção*” nos exames de Francês, Geografia, Aritmética, Inglês, Latim, Geometria, História e Filosofia; recibo de pagamento à Recebedoria da Bahia da quantia de cinquenta e um mil e duzentos réis para satisfazer a 1.ª prestação de sua matrícula na 1.ª série do curso médico, lançada em débito ao tesoureiro Maximiano dos Santos Marques, à F 28 do Livro 45 da Receita rubricada, pelo dito tesoureiro e pelo ajudante Catão Pereira de Mesquita, da Faculdade de Medicina da Bahia, sob n.º 808, com data de 10 de março de 1882. O diretor, Conselheiro Francisco Rodrigues da Silva, aprovou a petição lendo-se no frontispício do requerimento: “Matriculado B.ª 15 de M.º 1882 / Rodrigues”^(2,6).

A partir daquele momento, começou a tremeluzir e brilhar com desusado fulgor a magnificência do cabedal de inteligência, destreza e habilidade de penetração de espírito do moço do Maranhão que tornar-se-ia, mais tarde, benemérito da ciência e da Pátria, pois era nobre e brioso, ao abraçar a medicina que escolhera com decidida vocação, com a qual abria caminho com essa grandeza moral que distingue os homens superiores.

Volvida uma centúria desde que a Parca cortou o fio precioso da vida de Nina Rodrigues, pesado reposteiro cerrou-se em torno das fontes primárias concernentes à vida discente e do tirocínio nas matérias do curso de medicina do dito aluno, dificultando análise historiográfica das suas atividades estudantis, além de pouco se descobrir a respeito das obras da lavra do celebrado cientista, criando-se, destarte, um indesejável hiato entre os historiadores e estudiosos e o acervo da vastíssima bibliografia de Nina.

Foram assaz insuficientes as fontes historiográficas primárias e secundárias encontradas pelo autor em derredor das diversas fases da existência e falecimento do estudante e cientista Raymundo Nina Rodrigues, inobstante a busca exaurível e continuada nos arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia; no Arquivo Histórico da Casa da Santa Misericórdia; no arquivo do cemitério do Campo Santo, de propriedade da dita Santa Casa; no Arquivo Público do Estado da Bahia; no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Departamento de História/Centro de Documentação/ Laboratório de Conservação e Restauração do Acervo da Cúria Metropolitana de Salvador Reitor Eugênio de Andrade Veiga, / Universidade Católica do Salvador – UCSal –

Convênio UCSal e Arquidiocese; Cúria do Bom Pastor/UCSal e na Biblioteca Central do Estado da Bahia.

1882, período em que Nina Rodrigues matriculou-se no 1.º ano do curso⁽¹⁷⁾

A Faculdade de Medicina da Bahia iniciou o ano de 1882 sob a diretoria do Conselheiro Francisco Rodrigues da Silva, empossado em 28 de dezembro de 1881, sucedendo ao Conselheiro Antonio Januário de Faria.

Naquele tempo, quando o moço do Maranhão, dotado de notável intelecto, talento e aptidão para compreender, percorreu os corredores e pavilhões da Faculdade de Medicina da Bahia, observou que o edifício carecia de melhoramentos e, no seu modo de ver, parecia que se achava imprestável para estabelecer novos laboratórios. Reconheceu, discretamente, que os existentes tinham área restrita e limitada, ventilação deficiente, com iluminação débil e sem o preciso aparelhamento técnico necessários para o ensino prático.

Não sabia aquele rapaz que alvissareiro e esperançoso aviso de 18 de fevereiro de 1882, emitido pelo ministro do Império à diretoria da Faculdade de Medicina da Bahia encarregava ao presidente da província da Bahia, João dos Reis de Souza Dantas, nomeado em 30 de março de 1879, que medidas precisas fossem adotadas afim de que um engenheiro indicado pela diretoria das obras públicas apresentasse orçamento necessário para a instalação dos novos laboratórios no edifício da Faculdade.

Para tal escopo, o Conselheiro diretor Francisco Rodrigues da Silva nomeou comissão composta dos lentes Manoel Victorino Pereira e Virgílio Climaco Damazio para exibirem, ao lado do engenheiro provincial, o parecer concernente ao projeto e orçamento dos trabalhos de engenharia para o edifício e anexos onde deveriam funcionar os laboratórios, gabinetes e museus.

A referida exposição, circunstanciada, do punho do Dr. Virgílio Climaco Damazio, levada à presença de Sua Majestade Imperial, em 18 de abril, era um exato relato das carências da Faculdade, frutos das desigualdades sustentadas pela Corte.

A suma do parecer da sobredita comissão salientava que o novo edifício da Faculdade e seus anexos compreenderiam o antigo prédio que valer-se-ia da área de 5 prédios localizados nas portas do Carmo e de uma parte conquistada à montanha, tudo completando uma superfície de 3,876 metros quadrados com 2.190 metros de construção e 1.686 de terreno baldio para o horto botânico.

Adiantava a comissão que o maior dos cinco prédios indicados para desapropriação era alugado ao governo por 1:500\$, anuais destinado a aula e gabinetes, alertando para a probabilidade de incêndio pelo fato das casas de residência particulares e prédios que constituíam o pavimento térreo

serem separados das casas vizinhas por um terreno baldio de sete metros, que deveria ser transformado em jardim.

Foi proposto erigir um edifício com 20 metros de largura por 28 de comprimento, perfazendo 560 metros quadrados de base, de dois andares situados ao mesmo nível dos pavimentos do antigo edifício, com ele apresentando a mesma face da frente, todavia devendo ser inteiramente dada nova feição edificada em estilo “grave e sério,” adequado a edificação de tal espécie. Assinalava, ainda, o relatório que as divisões desses dois andares seriam levadas a efeito obedecendo o mesmo projeto, de maneira a formar na área no espaço poligonal restrito pela caixa do prédio, inteiramente rodeado de janelas, dois amplos salões equidistantes em toda a extensão tendo por grandeza a largueza do edifício, isto é, 20 metros, e por largura 6 metros e 65 centímetros, determinados aos laboratórios. A área intermediária destes dois salões seria dividida em uma sala de ingresso e passagem para o andar superior e uma outra com 10 metros e 50 de largueza por 3 e 20 de grandeza ou 1386 metros quadrados, onde far-se-iam os laboratórios, entre os quais ficaria localizado o anfiteatro. De acordo com os projetos, seriam beneficiados com ventilação e luz satisfatórias os dois laboratórios dispostos no primeiro andar, que serviriam para a Química Orgânica e Biológica e à Fisiologia Experimental com o respectivo anfiteatro, e, no segundo andar, a Física Médica e Matéria Médica, Terapêutica Experimental, da mesma maneira com um anfiteatro intermediário. Destarte, quatro laboratórios no primeiro pavimento poderiam acomodar de 30 a 40 alunos cada um e dois anfiteatros permitiriam que 250 ouvintes pudessem freqüentá-los confortavelmente.

Respeitante à biblioteca, não poderia permanecer onde estava instalada em razão do parco espaço. Considerando que o então bibliotecário da biblioteca pública rogou ao governo da província transferência daquele estabelecimento para diferente prédio dotado de cômodos mais extensos, o governo geral poderia ajudar a província nesta remoção e valer-se do lugar adjacente ao prédio da faculdade, para nele ser instalada a biblioteca da dita Escola, com pouco custeio e ligeiras obras. A sala onde estava estabelecida a biblioteca seria transformada em museu e laboratório de Botânica e Zoologia, que deveria ser ampliada pela banda do museu que era prolongamento da dita sala com a eliminação das suas divisões. A antiga secretaria, que se prestava para sala de aulas, seria destinada ao museu de Mineralogia.

O anfiteatro de Anatomia, o gabinete Abbott e o anfiteatro de Clínica, instalados no pátio da Faculdade, encontravam-se em precário estado sanitário e deveriam ser substituídos por dois pavilhões de 10 metros de largura por 20 de comprimento, separados por um baldio de 8 metros de largura e em continuação com o horto botânico já existente. Ambos os pavilhões, rodeados de janelas, teriam dois andares e deveriam ser aumentados ao fundo, sobre a montanha, por uma edificação em arcos, disposta em forma de jardim, com

bancos e grades de ferro, em substituição ao cúmulo de esterquilínio.

O primeiro pavilhão à esquerda, separado do depósito dos cadáveres por um baldio de 3 metros e 5 de largura, teria um pavimento térreo ladrilhado de mármore para a sala de disseções, onde poderia caber dezesseis grandes mesas também de mármore com dois metros de comprimento para um, e dez de largura. O segundo pavimento seria dividido em duas metades de 10 metros de comprimento por 8 e 70 de largura, isto é, de 100 metros quadrados cada uma, na primeira das quais ficaria instalado o museu de anatomia, enquanto que na outra funcionaria o anfiteatro da mesma ciência. O segundo pavilhão teria no pavimento térreo o laboratório de Histologia, e no pavimento superior um anfiteatro para Histologia, Anatomia Patológica e Clínica estabelecendo-se um passadiço fácil para a enfermaria de S. Francisco e na metade superior desse local à instalação do museu anátomo-patológico.

O gabinete de Anatomia Patológica continuaria no lugar onde se encontrava. A oficina de Farmácia permaneceria como estava, mudando-se apenas a comunicação que não seria efetuada através do laboratório de Química e sim pelo corredor descoberto, que separava as duas partes do grande edifício. Antes de penetrar-se nesse corredor descoberto, deveria ser construído um vestíbulo comum às duas partes, nova e velha de todo o edifício. O antigo saguão da Faculdade passaria por sérias reformas, instalando-se janelas onde existiam postigos elípticos, ladrilhando-se toda a entrada e reformando-se as escadas atualmente existentes. O governo deveria requisitar à Casa da Santa Misericórdia permissão para instalar junto a cada clínica o gabinete e sala de ambulatório correspondente e as despesas deveriam correr por conta da Faculdade.

Com as expropriações, construção de edifício novo, consertos do prédio antigo, restauração de toda a sua face da frente, de vestíbulo, construção de dois pavilhões, no pátio, paredão, etc., desobstrução de esgoto, esgoto, abastecimento de gás, água, instalação de latrinas de disposição mais moderna e adequada, etc., em observância aos projetos, salvo alguma ligeira modificação que a execução indicasse como melhor, o governo faria despesa de cerca de duzentos e cinquenta contos de réis⁽¹⁷⁾.

O historiador da Faculdade, referente ao ano de 1884, testemunhava: "*O salão nobre, que estava ameaçando ruína, a ponto do soalho dever ser escorado para ter logar o acto da collação de grau em 1883, além do frontispicio, que está adeantado, apenas está coberto, forrado, com andaimes, vigamentos, algumas portas e janellas, mas sem o soalho.*"⁽¹⁰⁾.

Ano de 1885, época em que o aluno Nina Rodrigues cursou o 4.º ano de medicina na Bahia⁽²⁰⁾

A lei n.º 3141, de 30 de Outubro de 1882 aprovava o regulamento de 12 de março de 1881, que exigia prova

prática nos exames das diversas séries do curso acadêmico. A lei criava 14 laboratórios, gabinetes e museus. Os laboratórios existentes, conforme já foi consignado, eram limitados em número, incompletos e assaz deficientes, sem espaço e inadequadamente acomodados aos seus objetivos; o antigo edifício em que estava instalada a Faculdade de Medicina da Bahia não oferecia condições plenas para os precisos laboratórios, que ocupavam, além de parte do edifício do antigo Colégio dos Jesuítas, o prédio adjacente alugado.

A Faculdade estava estabelecida em uma limitada parte de um edifício ameaçando derruir em alguns locais, com insuficiente espaço e sem a precisa adaptação para a sua finalidade redobrando-se as dificuldades e a imprestável condição do edifício acentuou-se de modo patente e claro. Tal situação foi lembrada ao Governo Imperial pela diretoria, quando se requeria o necessário atendimento e mantendo-se entendimento nesse mister por várias oportunidades com o ministério do Império.

Todavia, por intermédio do perverso e infeliz aviso de 16 de janeiro de 1883, o ministro informava à perplexa e desiludida diretoria que estabelecia o aumento de crédito no valor de 60:000\$000 para levar a cabo as obras do prédio em que estava instalada a Faculdade.

Lamentava-se o vice-diretor, Dr. Pacífico Pereira, em 8 de abril de 1884: "*O laboratorio de pharmacia ficará no mesmo local acanhado e deficiente em que tem estado até agora. Não haverá espaço para o museu de botanica e zoologia, e ficam sem área para suas instalações os laboratorios de hygiene, de toxicologia e de botanica e zoologia. A bibliotheca da Faculdade continuará a permanecer na mesma salla estreita e mal illuminada, onde já na cabem novas estantes*"⁽²⁰⁾.

Ano de 1891, período em que Nina Rodrigues, pela Reforma Benjamin Constant, foi nomeado substituto da 5.ª Seção (Higiene e Medicina Legal)⁽¹²⁾

Naquele ano, a diretoria da Escola admitia a insuficiência do local da Faculdade de Medicina da Bahia que ocupava as duas seções do velho monastério e Colégio dos padres da Companhia de Jesus.

Desde 1855, imaginava-se comprar o anciano casarão adjacente à seção da Faculdade perpendicular à parte da frontaria do Colégio dos Jesuítas e que tinha por nome casa do Banco.

Em 1873, atendendo pedido e autorização do vice-diretor Conselheiro Vicente de Magalhães, a diretoria anexou o referido prédio e pelo mesmo Conselheiro foi conferido permissão para nele levar a efeito os precisos arranjos.

Alguns laboratórios foram ali instalados em 1874 e 1875 e deram início a determinado número de lições. Não obstante este anexo, a Faculdade deu continuidade à luta contra os

óbices resultantes da carência de espaço e de salas, considerando que a chamada casa do Banco, mesmo sendo assaz ampla e com dois pavimentos, era imperfeitamente dividida, como era comum a todos os prédios de tempo remoto desta cidade. Na esperança de se por em prática, em tempo mais ou menos breve, os projetos delineados no decreto de 19 de abril de 1879, concernentes à criação de novos laboratórios para os estudos práticos, todos os pensamentos foram uníssimos na urgência de se corrigir tão inoportuno estorvo mediante a edificação ou compra de um novo edifício para a Faculdade, ou, então, o empreendimento de trabalhos de recuperação e ampliação do prédio em que a Faculdade estava instalada.

Destarte, em sua exposição do ano de 1882, reportava-se a esta matéria ao ministro do Império o diretor Francisco Rodrigues da Silva: "*O edificio da Faculdade por suas acanhadas dimensões não se presta, hoje, ao desenvolvimento exigido pela criação projectada dos novos gabinetes e laboratorios.*"

Já foi exarado acima, em referência ao ano de 1882, que a sobredita comissão agiu com celeridade no desempenho das duas atribuições, formulando um plano muito bem elaborado respeitante à benfeitoria do projecto edificio incluindo as novas edificações complementares, que deveriam ser realizadas no espaço dedicado ao anfiteatro de anatomia e ao gabinete Abbott, assim como na área em que estavam a casa do Banco (já convertida em dependência da Faculdade) e quatro outras casas de residência sitas à rua das Portas do Carmo.

O cálculo dos dispêndios prováveis relativos ao projeto dos trabalhos de construção foram calculados em 266.846\$763 réis.

Tratava-se de um projeto bem delineado na suposição de se valer do anciano convento dos extintos Inacianos que abrigava a Faculdade, que não era a decisão apropriada para dotar a instituição de ensino de medicina de um edifício compatível com as iminentes necessidades daquele tempo.

Nenhuma atenção foi adotada pelo governo em relação ao projeto das obras e orçamento, a ele encaminhado no mês de abril.

Ao findarem-se os trabalhos letivos do ano de 1882, o Dr. Pacífico Pereira expôs à Congregação uma proposta que foi aprovada, depois de devidamente discutida: "*A congregação d'esta Faculdade solicita do governo imperial que mande com urgencia fazer as desapropriações e começar as construcções necessarias para a installação dos novos laboratorios, applicando a elles toda a verba destinada no actual exercicio ao pessoal dos laboratorios e das novas cadeiras.*"

Como resultado desta reivindicação da diretoria, foram gerados os avisos de 16 de janeiro e 16 de fevereiro de 1883 a ela determinando que fossem iniciadas as obras, para o que foi estabelecido pelo ministro do Império, no exercício de 1882 a 1883, um crédito de 65:000\$000.

Consoante o projeto elaborado pela comissão, aceito com ligeiras alterações, deram começo às obras em 15 de junho de 1883.

Em 1889, Nina veio para a Bahia, e ingressou na corporação docente da Faculdade de Medicina da Bahia na 5.^a Seção Médica da Faculdade, ocupando o cargo de Adjunto da 2.^a Cadeira de Clínica Médica.

Naquela época, já estavam concluídos os dois novos pavilhões erigidos atrás do pátio da Faculdade, sendo terminados os trabalhos de restauração do antigo edifício e iniciados os da nova obra, em sua adjacência, os quais ainda não estavam concluídos. Consoante o projeto, determinou-se o tempo de 4 a 5 anos, que seria bastante para o término de todas as obras planejadas.

Todavia, volveram nove anos e as azáfamas de construção ainda não tinham sido levadas a cabo.

Os trabalhos sofreram renovadas paradas e estorvos em consequência da tardança na liberação da dotação da quantia precisa e pelo fato de parte da verba ter caído em exercício findo e em razão dos métodos burocráticos confusos e tardos das convenções governamentais existentes.

A demora na concessão das verbas prejudicou sobremaneira o ensino da medicina, além de se criar molestos obstáculos sob o ponto de vista econômico e administrativo.

Destarte, foram removidos da Faculdade, com o escopo de se poder dar início às obras, quase todos os antigos laboratórios e instalados temporariamente em edifícios particulares, nos quais alguns lá continuavam.

Os gabinetes criados a partir de 1883 estavam funcionando alguns na própria Faculdade, tão logo as salas respectivas iam sendo concluídas e outros estavam sendo estabelecidos em prédios privados.

A Faculdade pagava elevado aluguel por um dos laboratórios sito à rua das Laranjeiras e equipamentos caríssimos lá estavam a se danificar por se encontrarem incorretamente guardados em salas pouco espaçosas. Observava-se que na parte nova do edifício, as paredes estavam sem reboco e cobertura e se corrompiam pela atuação das chuvas.

Outros laboratórios funcionavam na Academia de Belas Artes. Tal divisão da Faculdade, com seus gabinetes espalhados nos mais diversos locais, provocaram estorvos na administração e impossibilitavam a agilidade do seu funcionamento, porquanto, em muitas salas com pouco espaço, os alunos eram prejudicados nos exercícios dos trabalhos práticos.

Além dos ditos óbices, as dotações foram interrompidas desde março de 1890 e cessaram as obras.

O ministro da instrução pública, em aviso de 29 de janeiro de 1890, determinou ao diretor da Faculdade que desse conta da necessidade da aquisição dos prédios de números 6 e 8, à rua das Portas do Carmo, pertencentes ao convento da Soledade, e, no caso de ser essa compra

imprescindível, poder-se-ia o competente pagamento ser realizado pela dotação consignada para as obras de reconstrução da Faculdade. Informou a diretoria que os mencionados prédios compunham o grupo dos cinco, cuja expropriação entrara no plano das mencionadas obras e bem assim que as verbas estabelecidas para as ditas eram também determinadas em parte, para as desapropriações em tela.

Informava, ainda, que a verba superior a 15:000\$000, consignada nos gastos repartição fiscal, tinha caído em exercício findo.

A diretoria, em agosto de 30 de março, recebeu do governo a comunicação do reconhecimento de que era preciso a compra dos prédios em referência, e aprovava a aquisição dos mesmos pelo valor de 12:000\$000, sendo pago o dispêndio pela verba destinada para as obras de reconstrução, e solicitava, naquela data, do Ministro do Interior a precisa autorização para a alienação dos ditos prédios.

Foi concedida a respectiva licença em 30 de abril, sendo uma cópia dela remetida ao Governador do Estado, general Hermes Ernesto da Fonseca, 3.º governador da Bahia, que a enviou à diretoria.

Todavia o governo, como se esperava, não adotou as precisas medidas, conscientemente, para o prosseguimento das obras.

Em ofício emitido em de 24 de julho e 28 de setembro, a diretoria da Faculdade achou que era necessário que se pedisse e solicitasse com urgência e protestasse nos teores mais significativos, o que fez surgir o aviso de 23 de outubro, facultando, para o prosseguimento das obras, a quantia de 25:000\$000, da qual 12:000\$000 deveriam ser empregados para a desapropriação dos prédios.

A despeito de estarem as obras já suficientemente aceleradas e haver abundância de materiais já comprados à custa das dotações anteriores, o restante da última verba, isto é a quantia de treze contos, não bastava para terminá-las.

Para auxiliar a despesa que faltava realizar, já existia, felizmente, a mesma soma posta à disposição da diretoria.

Esta verba era superior ao que era necessário para a conclusão das obras.

Consoante dados fornecidos pelo engenheiro que as administrava, as obras da Faculdade, além dos 12:000\$000 necessitavam de cerca de 20:000\$000 para a conclusão, podendo ficarem terminadas no ano de 1890, se esta verba fosse consignada a tempo.

Tinha se despendido até o mês de março de 1889, com as obras, a quantia de 322:464\$489

E acrescentava o historiador da Faculdade, relativo ao ano de 1891: "*Junctando-se-lhe a importancia concedida por aviso de 23 de Outubro _____ 25:000\$000 e mais a quantia necessaria para a conclusão _____ 20:000\$000 temos a somma de 367.464\$489.*"

Esta quantia, segundo o sobredito memorialista, era mais elevada do que a avaliada na dotação orçamentária de 1883 e a ultrapassava em mais de 100 contos. Outras razões que justificavam o acréscimo no dispêndio deveriam ser atribuídas à restauração do salão nobre e do vestíbulo do prédio, que não constava do plano da comissão e foi ulteriormente solucionada.

O projeto da comissão sofreu alteração, pois, em vez da desapropriação dos cinco prédios que se seguiam ao projecto edificio, ordenou-se que somente dois seriam derribados além dos dois que já tinham sido adquiridos e deitados abaixo.

Em 1889, foram terminadas as obras de benfeitoria do edificio em que funcionava a Faculdade e a construção dos dois pavilhões constantes no projeto da comissão elaborado em 1882. Na parte principal e central do antigo prédio estavam estabelecidos no andar superior, o salão nobre, considerado o maior da Bahia, abundantemente iluminado e ventilado, o qual apresentava, todavia, graves imperfeições na ornamentação e nos projetos arquitetônicos oriundos do passado; a secretaria e o gabinete da diretoria estabelecidos em amplas salas bastante iluminadas e arejadas; o laboratório de Botânica e Zoologia não era bastante arejado e tinha espaço acanhado; o laboratório de Anatomia Cirúrgica e Comparada, instalado numa dependência assaz estreita, e quente, escura e de péssima ventilação. No mesmo andar superior estava instalada a biblioteca, apropriadamente denominada pelo lente memorialista do ano de 1891 de *deposito dos livros*.

A dita biblioteca achava-se instalada em uma sala longa e apertada, qual um corredor, contígua à Catedral, a qual, não obstante ter sido ampliada pela retirada do laboratório de botânica, que invadia uma das extremidades, permanecia mal arejada, acanhada, e inadequada para funcionar como biblioteca, além de ter na sua adjacência a *morgue* e o ruído deletério das maquinarias do elevador Plano Inclinado.

No andar que ficava ao rés do chão, existia o vestíbulo amplo, que era uma sala bastante espaçosa, reservada para o material e aulas das diversas clínicas. O laboratório de Farmácia estava adequadamente instalado.

No pavilhão do sul permaneciam estabelecidos o laboratório de Anatomia Descritiva e o de Operações e Aparelhos, ambos tomando espaço de um dos dois pavimentos.

O museu ocupava restrita parte do andar superior e permanecia muito mal colocado e apertado pela situação de adjacência dos dois ditos laboratórios.

Com referência ao pavilhão do norte, estavam funcionando no andar térreo os laboratórios de Terapêutica e o de Histologia, separados por uma parede pouco espessa, que os tornavam independentes. No andar superior, encontravam-se dispostos o laboratório de Higiene e um anfiteatro.

O laboratório de Anatomia Patológica achava-se muito inadequadamente localizado em pavilhão térreo de pouca

largura, e que por muito tempo se prestou para sala de disseções.

Os novos eram dotados de pavimentos térreos ladrilhados, da mesma forma que o antigo prédio, diferindo daqueles pelos ladrilhos de mármore.

Estavam provisoriamente estabelecidos em prédio da rua das Laranjeiras, em péssimas condições, os laboratórios de Física, de Química Inorgânica e Biológica e Fisiologia.

Na entre-sala do edifício da Academia de Belas Artes também estavam a funcionar, temporariamente, os laboratórios de Medicina Legal e Química Analítica e Toxicológica.

O de Odontologia ainda não estava aprontado.

Com a edificação dos novos pavilhões anexos na nova seção da Faculdade ocupada, outrora por dois prédios, já desapropriados, deveria haver ampliação da área em seis compartimentos.

Três no andar térreo e três na andar superior, sendo as suas extremidades dotadas de salas para laboratórios e as salas centrais seriam destinadas para anfiteatros.

Não obstante as modificações e ampliações, o edifício da Faculdade dificilmente possuiria as instalações ideais e do ponto de vista da higiene e da estética.

Com a nova edificação anexa, adquiriria a Faculdade apenas quatro salas para a instalação de quatro laboratórios. Todavia, se eram em número de seis os gabinetes que funcionavam em prédio da rua das Laranjeiras e na Academia de Belas Artes, criou-se um impasse relativo à acomodação de dois laboratórios. O de Odontologia estava sem solução ideal de local onde deveria ser instalado.

Incerteza permanecia quanto ao destino a ser dado para o funcionamento dos gabinetes de Anatomia Cirúrgica e Comparada e o de Anatomia Patológica, a biblioteca e o museu, que achavam-se pessimamente situados.

A comissão criada pelo governo em aviso de 3 de novembro de 1889, elaborou um projeto de reforma para as Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia, consoante seu parecer de 21 de janeiro de 1890, que indicava a criação urgente de um laboratório de Bacteriologia. Persistia, porém, o problema da falta do local para receber tal gabinete.

Por outro lado, existia a escassez de áreas precisas para a criação de viveiros, jardins, pátios e logradouros.

A solução para esta grave situação residia no aproveitamento das construções adjacentes ao edifício da Faculdade, nos pavilhões que serviam ao Hospital da Caridade, da Casa da Santa Misericórdia, o qual deveria ser removido para o novo prédio, que a Santa Casa estava edificando no largo de Nazaré.

A tal respeito, o lente historiador do ano de 1891 posicionou-se contrário a semelhante pretensão. E relatou: *“Do actual hospital da Caridade, d’aquelle inintelligivel labyrintho situado por detraz da Faculdade e nos fundos dos quintaes da rua das Portas do Carmo, d’aquella disparatada aglomeração de baixos corredores, de trevasas*

galerias inferiores ao nivel commum do solo, d’aquelle tristonho conjuncto de grutas, de fogos alveolos e cubículos, d’aquella sombria estancia de ar estagnado, d’aquelle monumento de barbarie, d’aquillo só uma cousa unica pôde ser aproveitada: - é a area, - depois de inteiramente desocupada pela demolição completa e pela remoção do material e de estar por muito tempo exposto á acção purificadora dos agentes naturaes”.

E descreveu o prédio da Faculdade de Medicina da Bahia: *“Um edificio collocado num sitio pouco espaçoso, minimamente acanhado e sem a possibilidade de ser augmentado, salvo á custa de dispendiosas desapropriações e de demolições previas; que não tem as dimensões necessarias para aquartelar os dezeseis laboratorios que devem funcionar em compartimentos distinctos, diversos amphitheatros, uma enorme bibliotheca e um museu; um edificio composto de duas secções, que se unem formando um angulo reintrante e das quaes uma está alguns metros fora do alinhamento do lado da praça em que demora e que irregularisa e desfeia; um edificio, cuja architettura é litteralmente monstruosa, pois que se deram uns ares de modernidadede e de elegancia ao velho convento, cuja construcção pesada e cuja forma obsoleta, foi necessario conservar e seguir na secção nova; um edificio em cujo vestibular acaçapado em relação a suas dimensões, se penetra por uma porta aberta n’um recanto e em que não se vê a escada concernente ao pavimento superior, a qual procede da extremidade de um corredor paralelo ao plano de entrada, - escada que sendo de lizo marmore e fórma conchoide merece a qualificação de anti-hygienica; finalmente, um edificio interiormente mal dividido, desproporcionado e cujo soalho se acha em niveis differentes”.*

Era convicção do sobredito memorialista que seria preferível adotar uma solução pela qual o edifício da Faculdade não devesse sofrer modificações e aumentos no velho Colégio que pertencera aos Inacianos, quando dever-se-ia optar por uma edificação nova, projetada por arquiteto de escol, nos moldes das faculdades de medicina congêneres européias, a começar pelos planos dos alicerces e erigida em terreno adequadamente escolhido e devidamente amplo. Teria a faculdade a necessidade premente de ser ampliada, se não se concretizasse a sua transferência para sítios alhures.

Opinava que haveria a vantagem das adjacências dos mais variados institutos e, se a hipótese de ampliação do antigo edificio fosse aceita, far-se-ia mister deitar abaixo o hospital e desapropriar e derruir 6 ou 8 prédios às Portas do Carmo, além de estender sobre a montanha ou escarpa a arcaria sobre a qual seria construídos os dois novos pavilhões.

Em não se escolhendo a alternativa da construção de um novo edifício, dar-se-ia preferência a medidas outras, como a compra de vasto prédio em outras bandas. Assim é que, em

1883, quando ainda estavam no início as obras da Faculdade, foi proposto ao governo imperial pela Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, a venda do extenso e novo edifício do seu asilo de “*Sancta Izabel*”, pela quantia de 170 contos de réis.

O presidente da província da Bahia, Pedro Luiz Pereira de Souza, empossado a 16 de dezembro de 1882, e que fora encarregado pelo ministério do império de efetuar a compra do dito prédio, foi em companhia do vice-diretor e de vários lentes visitar o casarão do asilo.

Houve, entre os lentes, divergência de opiniões respeitantes à compra, todavia a maioria foi favorável à aquisição.

Paradoxalmente, o vice-diretor Pacífico Pereira, ferrenho defensor e autor da proposta de restauração e ampliação do provento edifício do Terreiro de Jesus, estava entre os lentes favoráveis à compra do prédio do asilo de “*Sancta Izabel*”, quando expôs ao governo, em relatório minucioso, datado de 11 de fevereiro de 1884, as vantagens da compra do prédio dos Franciscanos e a transferência da Faculdade. As vantagens consignadas no dito relatório eram, em síntese: “*vastissimo predio, novo, solidamente construido e situado no centro da cidade*”; continha “*area sufficiente para serem n’elle installados todos os laboratorios e museus*”; “*a proximidade a uma linha de tramway*”;

E acrescentava a exposição: “*O edificio tem em dois pavimentos, 8 sallões, tendo cada um 24 metros de comprimento sobre 8 de largura, 4 sallões com 15^m. 5 sobre 9^m, e mais 7 com 14^m sobre 9^m de largo.*”

“*Além destes tem um pavimento terreo com um vestibulo de 14 metros sobre 8^m de largura, dos lados 2 salões com 24 metros sobre 7^m, 50, e um de 15 metros sobre 9^m de largura.*”
“*Tem de frente o prédio 65 metros de extensão sobre 35 de fundos; occupa, portanto, uma area de 2275 metros quadrados, ...*”

Em fevereiro de 1884, o vice-diretor, Dr. Pacífico Pereira, viajou ao Rio com o escopo de relatar vocalmente ao governo imperial, a aflitíssima e precária situação do ensino médico na província da Bahia, onde ainda não estavam funcionando os laboratórios instituídos pela lei de 30 de outubro de 1882, em razão da insuficiência de dotação orçamentária que resultou na paralisação das obras iniciadas em 1883. No ensejo, o vice diretor mostrou-se favorável à compra do edifício do asilo dos Franciscanos, quando apresentou o relatório concernente ao prédio onde eram abrigados idosos necessitados e exibiu ao governo o competente projeto.

Todavia, por razões não definidas, o governo imperial não autorizou, naquela oportunidade, a aquisição do dito edifício e, mais tarde, em 8 de julho daquele mesmo ano, foi concedido o crédito de 50 contos de réis para a prossecução das obras principiadas no velho prédio.

Os lentes que, desde 1882, exerceram a diretoria da Faculdade de Medicina da Bahia, na qualidade de diretores e em caráter interino, os professores Francisco Rodrigues da

Silva, Jeronymo Sodré Pereira, Ramiro Affonso Monteiro, Antonio Pacifico Pereira e Jozé Olimpico de Azevedo dedicaram-se com incedível zelo na azáfama de ampliar e melhorar o edifício da Faculdade e instalar novos gabinetes e laboratórios, rogando ao governo a dotação orçamentária para tal mister⁽¹²⁾.

Volvidos quase três quinquênios, a retratada Faculdade teve uma relativa melhora, devido às lentas e penosas obras de reparação e principalmente em virtude da transferência, em 1893, dos serviços clínicos da Casa da Santa Misericórdia para o novo Hospital Santa Izabel, edificado no largo de Nazaré. Destarte, transformaram-se os cômodos e salões do velho Colégio que fora dos Jesuítas, e que se prestavam a enfermarias, os quais, após os precisos arranjos, foram devidamente aproveitados pela instituição de ensino médico para a instalação de gabinetes, laboratórios, biblioteca e museu.

Mesmo de posse dos projetos e instruções das precisas obras do edifício da Faculdade, as verbas insuficientes que chegavam obedecendo a morosidade de irritante procedimento burocrático, obrigou o Dr. Antonio Pacifico Pereira a fornecer pecúnia do seu próprio bolso para evitar a paralisação dos trabalhos, que ficaram concluídas as fases evidenciadas, em 1889⁽⁵⁾.

Nomeado diretor da Faculdade de Medicina da Bahia o lente Alfredo Thomé de Britto, por decreto de 10 de agosto de 1901, sendo empossado a 21 de do mesmo mês, já no ano de 1902, em seu relatório registado em ata da sessão da Congregação⁽³⁾, patenteava os melhoramentos levados a efeito em tão pouco tempo no edifício da escola *mater* das ciências médicas da Bahia, causando consternação e indignação pelo quadro gritante e estarrecedor dos cômodos mais venerados e sagrados da Escola, descrito pelo dirigente máximo, que eram a capela dos Jesuítas, de São Estanilau Kostka, ao depois, do Hospital Real Militar e o solene e magnífico salão nobre ou salão dos atos. Consignou-se no dito relatório: “*Foi desocupada e limpa a antiga e historica capella dos Jesuítas, verdadeira joia architetonica, transformada em deposito de objectos velhos e inserviveis; pozeram-se portas de madeira nas janellas do salão nobre, cujos ornatos se estragavam cada vez mais, pela acção da luz e da humidade. Construiu-se um grande tanque ou reservatorio central de 12 mil litros de capacidade, armazenando permanentemente essa enorme porção de agua do Queimado, mais que sufficiente para todas as necessidades. Foi collocado um pararaio no edificio no edificio. Está feito o orçamento de um plano completo de reforma do salão nobre, cujo papel e tapete, principalmente, já se achavam bastante estragados, substituindo-os pelo revestimento do soalho, “á parquet”, e a pintura a oleo das paredes, obedecendo á hygiene e á esthetica. Igualmente com relação á pintura do exterior do edificio ...*”⁽³⁾.

Com referência à exposição concernente ao ensino na Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1902, em seu relatório com data de 31 de janeiro de 1903⁽⁸⁾, dizia o Dr. Alfredo Britto: “A deficiência com que estão montados os laboratorios, a insignificancia relativa da verba destinada ao seo custeio e aperfeiçoamento annual, a carencia absoluta, por assim dizer, de tudo quanto é imprescindivel para um ensino clinico regularmente organizado, são os obices mais facéis de remediar de prompto, por dependerem quasi que exclusivamente da concessão de verbas necessarias e de sua conveniente applicação por parte de uma administração bem orientada. Em alguma cousa, entretanto, consegui sempre fazer melhorar o ensino, no anno passado, nos limites da verba ordinaria.

Com a instalação electrica, os laboratorios preparam-se para uma transformação completa no ensino, logo que consigam fornecer-se do material necessario a utilização das energias d’aquella força; a bibliotheca se acha provida de illumination abundante e higienica; os amphithatros e salas de aulas com ventilação franca e amena; todos os laboratorios e demais dependencias com agua em profusão, automaticamente distribuida; o ensino oral ou as preleções, de um serviço completo de projeções.”

“O bioterio, commum aos differentes laboratorios, segundo o plano apresentado pelo Dr. Manoel de Araujo, distincto lente de Physiologia, como presidente da comissão que para esse fim nomeei, está prompto para começar a funcionar no primeiro anno lectivo, tendo compartimentos especiaes para coelhos, pombos, rãs, cobaios e cães. A canalisação electrica se estendeo a mais alguns laboratorios. O ensino de odontologia foi dotado com o material electrico prometido. O numero de cadaveres fornecido para o ensino pratico das cadeiras em que são necessarios, elevou-se a 215, em vez de 187 no anno anterior, sendo, em sua grande maioria, longamente aproveitados por meio de injecções conservadoras. O serviço de autopsias, a cargo do illustre lente de Anatomia Pathologica, foi regularmente feito, no respectivo laboratorio, prestando valiosissimo subsidio ao ensino clinico.”

“Os laboratorios da Faculdade terão tambem o seu material consideravelmente augmentado, ficando, além disto, muito melhorado o de bacteriologia que, satisfazendo ao pedido do respectivo lente, passará por completa reforma, preparando-se um bioterio particular para os animaes em experiencia e uma camara escura para microphotographia, adaptando-se a sala annexa de preleções para ser convenientemente transformada em camara escura para projecções, e fazendo-se uma nova canalisação de gaz directa e especial para que possam funcionar satisfatoriamente os autoclaves, as estufas e os fornos de incineração.”

“Quanto ao accordo entre a Faculdade e a Santa Casa de Misericordia, justamente considerado como indispensavel para o bom funcionamento do ensino clinico, acha-se felizmente realizado e se executando regularmente.”⁽⁸⁾

Em a noite de quinta-feira, 2 de março de 1905, que antecedia o carnaval, irrompeu violento incêndio no edifício da Faculdade, por volta das 8 e ½ horas da noite, nos baixos do pavilhão da biblioteca, onde ficava o almoxarifado, alastrando-se célere para o resto do edifício, consumindo os gabinetes de Anatomia Patológica, de Bacteriologia e de Química, além da biblioteca e a belíssima capela do padre Antonio Vieira, consagrada a S. Estanslau Kostka e o gabinete de Medicina Legal, que era dirigido pelo Dr. Nina Rodrigues e estava equipado com modernos aparelhos de psicologia experimental. Enérgicas medidas foram prontamente adotadas pelo desolado diretor Alfredo Britto, para a imediata reconstrução do edifício incinerado, atuando, diligentemente, junto ao governo da União, que abriu um crédito extraordinário de 600 contos, ato benemérito do presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves e José Joaquim Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Obedecendo arrojado projeto do arquiteto franco-argentino Victor Dubrugas para a edificação de novo e moderno edifício da Faculdade, começaram as obras em meado de 1905, com a reconstrução de parte do prédio incendiado, com ampliações às custas de desapropriações e demolições de edificações contíguas, cujos trabalhos foram dirigidos pelo celebrado engenheiro civil Theodoro Sampaio. As obras de reconstrução do prédio da nova Faculdade de Medicina da Bahia terminaram em 31 de janeiro de 1909, pelo engenheiro João Navarro de Andrade, que deu continuidade a grande parte dos trabalhos iniciados por Theodoro Sampaio⁽⁷⁾.

Em Relatório de 1905 ao ministro do Interior, J. J. Seabra, assim registou o Dr. Alfredo Britto as providências adotadas para a restauração do edifício da Faculdade⁽⁹⁾: “Reparados com a maxima presteza os damnos causados pelo incendio na parte nova do edificio, progridem as obras de sua reconstrução, obedecendo ao plano estabelecido e aprovado pelo Governo, alargada a area primitivamente occupada com a demolição dos 13 predios para esse fim desapropriados por utilidade publica, pelo decreto n. 5544 de 5 de Junho.”

“Além de largamente accomodados os 6 laboratorios destruidos, conforme os planos dos lentes respectivos, ficará também optimamente situada a nova bibliotheca, em edificio annexo, porém isolado e independente. No centro da praça interior ajardinada, em torno da qual se desenvolvem as edificações, occupando tres de suas faces, ligadas por galeria coberta, haverá um grande amphitheatro para 500 alumnos, adaptado ás varias especies de demonstrações praticas exigidas pelo methodo intuitivo, particularmente por meio de projecções electricas de todo genero.”

“Junto ao laboratório de Medicina Legal, mas com entrada livre e separada, ficará a Morgue, dependencia de maior importancia para o ensino e funcionando por meio de eletricidade pelos mais aperfeiçoados processos. O bioterio, a casa das machinas e a do guarda, assim como o almoxarifado, occuparão terrenos situados por detraz dos novos edificios, na parte ocidental.”

“As novas construcções, de cimento armado, são incombustiveis e, por conseguinte, garantidas contra novos incendios.”

“O salão nobre, o museu, o pantheon, a sala das congregações, a dos lentes, as da Secretaria e Diretoria, terão igualmente prompta a sua installação definitiva.”

“Quanto a dos novos laboratorios e institutos, necessariamente em proporção com os edificios em que vão funcionar e com os progressos do actual momento scientifico, depende unicammente da concessão de verba especial para esse fim, que venho solicitar no meu relatorio ao Governo, e dos planos definitivos, sob este ponto igualmente dos lentes respectivos.”

“Para auxiliar, nessa difficil e importante incumbencia, os que disto se quizerem aproveitar, fiz organizar, na Europa, e tenho á sua disposição, planos completos para os diferentes laboratorios e as dependencias dos novos edificios, de accordo com as respectivas plantas e dimensões. É assim que o da futura Morgue, acceito com applauso pelo Sr. Professor de Medicina Legal, consoante á nova organização do ensino de sua cadeira por elle proposto, e approvedo o anno passado por esta congregação, está sendo já executado, em condições, me parece, de vir prestar á Faculdade e á Bahia o mais assignalado serviço, constituindo para ambas inestimavel serviço”.

“A nova casa de machinas para o serviço de eletricidade, modelo no seu genero, já está prompta a funcionar, fornecendo energia electrica para todos os misteres aos amphitheatros e laboratorios que o requisitarem, provendo á distribuição automatica de agua e á illuminação em todo o edificio, e, bem assim, muito brevemente, á producção do gelo e de agua distillada, em abundancia, para as clinicas e laboratorios. Tambem está prompto o novo almoxarifado, em pavilhão especial, convenientemente isolado, e acabam de soffrer completa caiação e pintura quase todos os commodos e dependencias da Faculdade, principalmente os amphitheatros, o necroterio e a sala de disseccões.”

“As reformas dos serviços clinicos no hospital de Santa Isabel estão a concluir-se todas. O pavilhão de operações assepticas; - a sala de operações septicas; - a de electrotherapia e phototherapia; - a de hydrotherapia, maçagem, sudação e banhos hydroelectricos; o novo gabinete Röntgen, especialmente adaptado á radiotherapia, funcionarão no corrente anno lectivo.”

“Assim tambem o Instituto Clinico, para onde será

transferido o material já existente das diferentes clinicas, organisando-se os futuros gabinetes nas salas que escolherem os respectivos lentes”

A Maternidade, si for concedido esse mesmo credito, ficará prompta igualmente, nem só na sua construcção propriamente dita, como na installação interna, em seus varios aspectos (mobiliamento, material, etc.).

“...resta unicamente a organização do ensino da Clinica Psychyatrica e de Molestias Nervosas.” ... “Nesse intuito grande somma de trabalho já está realisada”⁽⁹⁾.

Consoante as palavras do lente memorialista de 1909⁽¹¹⁾, “Dispomos hoje de um edificio grandioso, dividido em duas partes, uma que chamamos antiga, cuja fachada de estilo Renascença olha para a Praça Quinze de Novembro, antigo “Terreiro de Jesus”, e outra parte, a nova, em estilo grego, occupando uma vasta area, dá para a rua das Portas do Carmo”⁽¹¹⁾.

Ao lado das tristes exposições que exibiam os cômodos do velho edificio da Faculdade de Medicina da Bahia em condições mesquinhas, anti-higiênicas, acanhadas, mal arejadas e de illuminação insufficiente e de estrutura mal arquiteturada, que perduraram ao longo de toda a sua história, desde o seu estádio embrionário até a época do quase completo desmoronamento pelo incêndio de 1905, serão mostrados, a seguir, aspectos breves do ensino na Faculdade durante alguns períodos da vida de Nina Rodrigues como professor de Medicina Legal.

Todos os historiadores da Faculdade de Medicina da Bahia abordavam o tirocínio teórico e prático ministrado pela Faculdade de Medicina da Bahia, rotulando-os como deficientes. Os lentes, embora quase todos notáveis e donos de eloqüente expressão de viva voz no ensino das lições, eram, todavia, limitados sobremaneira pelos óbices impostos pelo carente ensino prático em gabinetes e laboratórios assaz desparelhados.

Era o ensino mais especulativo e teórico, afastando os estudantes da observação e exame direto dos enfermos. Nas aulas, alguns lentes costumavam ler (do latim Legens – leitor) – compêndios (em francês) e apostilas e estimulavam os alunos a procederem da mesma maneira.

Nina Rodrigues entrou na liça ao ingressar no magistério, em 1891, para dar a conhecer o péssimo ensino teórico e prático da Faculdade.

Foi o sobredito professor nomeado substituto da 5.^a Seção, por decreto de 21 de fevereiro de 1891 e empossado a 4 de março por ocasião da reforma Benjamin Constant, exercendo as funções de docente no impedimento do professor catedrático Conselheiro Virgilio Climaco Damazio. Naquela oportunidade, dirigiu ao memorialista do ano de 1891, Dr. Luiz Anselmo da Fonseca, Lente Catedrático de Higiene e História da Medicina⁽¹²⁾, de acordo com o dispostos nos estatutos da Faculdade, sobre o que de mais notável e interessante ocorrera na disciplina em cujo ensino colaborava naquele ano letivo.

Apresentou circunstanciadas informações sobre as aulas e teceu ligeiras ponderações sobre as cadeiras em cujo tirocínio tomou parte direta: o ensino de Higiene e a sua cadeira complementar de Bacteriologia, através de curso prático no tocante à contagem das bactérias do ar e da água, porquanto, na forma do artigo 127 dos estatutos, foi encarregado de fazer o curso sobre bacteriologia do ar e da água.

Discorreu sobre a cadeira de Medicina Legal, quando substituiu o catedrático da dita matéria durante quase todo o ano letivo, cadeira que, na sua opinião, estava a carecer de toda a atenção da Faculdade em razão das modificações da última reforma dos estatutos, em conflito com os óbices do seu ensino, agravados pela má vontade daqueles que deveriam coadjuvar os professores e a instrução destes estudos.

E acrescentou: *“A criação das cadeiras de medicina legal nas faculdades jurídicas, a separação da química toxicológica em cadeira especial nas faculdades médicas, bem como a instituição de um ensino externo de medicina legal são outras tantas disposições da última reforma geral do ensino superior do país que, realizando aspirações dos competentes, deviam imprimir um grande impulso no aperfeiçoamento do ensino e da prática da medicina legal entre nós”*.

Asseverou que a série de reformas foram incompletas e as que pretendiam reformar a Medicina Judiciária e o ensino da Medicina Legal as mutilaram. Em países mais desenvolvidos, afirmavam-se a divergência e independência completa em que estavam as habilitações do médico legista da competência puramente clínica. *“Entre nós revela-se o mais completo desprezo pelo valor científico de médico perito, cometendo estas funções a profissionais sem instrução especial em uns casos, e manifesta incompetência em outros e em alguns até de insanável incapacidade mental.”*

Os médicos competentes, de modo geral, se afastavam dos incômodos gerados pela “ridícula” atuação do médico-perito. Denunciou, ademais, reportando-se a sucessos “escandalosos” ocorridos no Rio de Janeiro, quando encaminhavam para exame mental pacientes confiados a médicos saídos da Faculdade, ainda no “noviciado” clínico. Tais fatos deploráveis não eram devidos à carência de médicos peritos com habilitações especiais e sim à falta de escrúpulo na escolha do médico versado em perícias e pelo menosprezo das suas funções especializadas.

Informava Nina que o Conselheiro Virgílio Damazio costumava dividir as lições de Medicina Legal em intra e extra-escolar, adiantando que os estatutos adotaram esta discriminação ao separar a Medicina Legal da Química Toxicológica, sendo o ensino intra-escolar por ele subdividido assim: 1.º ensino clínico, ministrado nos hospitais, maternidades e asilos de alienados. Todavia, segundo Nina, não seria exequível esta proposição, porquanto deveria ser

considerada a *“imprestabilidade”* do asilo de alienados e de não existir até hoje maternidade. 2.º estudo e ensino necroscópicos. Não obstante a falta de cadáveres e dificuldade no processo de conservação, era, para Nina, o mais exequível dele. 3.º ensino estudo microscópico, químico, e de toxicologia experimental. A respeito deste assunto, Nina lamentou a maneira infeliz na divisão do antigo gabinete de Medicina Legal entre esta cadeira e a de Química Toxicológica. Naquela época, por insuficiência de local, o gabinete de Medicina Legal não estava instalado ainda.

Esta deficiência criou transtorno, com a dita divisão, pela transferência para o gabinete de Química Toxicológica de todas as substâncias, produtos e reagentes químicos, deixando para a cadeira de Medicina Legal exclusivamente os aparelhos. Assim, só podiam ali realizar-se estudos limitados de microscopia e química legal aplicados ao exame de manchas, líquidos orgânicos etc.

Ensino externo de Medicina Legal

O art. 208 dos novos estatutos estabelecia o ensino externo de Medicina Legal, dado na chefatura de polícia por pequenas turmas de estudantes concernentes aos exames biológicos e às autopsias médico-legais da *morgue* para os exames farmacológicos, serviço que tinha regulado o seu modo prático pelo art. 209 que previa acordo entre o ministério da instrução pública e o da justiça. Segundo Nina, este artigo se aplicava exclusivamente para Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Oficiou Nina ao diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, solicitando que lhe fosse autorizado entender-se em seu nome com o chefe de polícia para se ensaiar a aplicação do dito dispositivo, dirigindo-se ao então chefe de polícia para se reportar sobre o assunto. *“Parecia á primeira vista que nada seria mais facil de obter, pois não possui este Estado nem a organização nem serviço medico judiciario regular.”*

Os médicos a quem a polícia encaminhava este serviço não possuíam auxiliares e instrumentos para verificação de óbitos e prática de autópsias médico-legais. Levavam a efeito apenas os mais rotineiros corpos de delito.

Normalmente, esse serviço era feito na acanhada sala adjacente ao depósito de cadáveres do hospital de Caridade. Em algumas ocasiões, realizavam-se autópsias no salão do diretor do gabinete de anatomia da Faculdade.

A curiosidade fazia com que curiosos penetrassem de maneira desimpedida naquele recinto, coadjuvados pelos parentes, *“adherentes”* e conhecidos do defunto, que atopetavam literalmente as portas, janelas e adjacências do recinto, invadido de modo a dificultar a locomoção de médicos e auxiliares.

A aversão pelas autopsias, agravada com a exibição desrespeitosa e inconveniente, sob a vista de pessoas supersticiosas, impedia um serviço com respeito pelos

mortos, obrigando tal estorvo a que a equipe adotasse os precisos resguardos e respeito.

Tais pessoas exerciam pressão sobre os médicos legistas através de pedidos, rogos e reclamação, havendo necessidade da requisição de força policial para conter tais indivíduos.⁽¹³⁾ Na lição de abertura do curso de Medicina Legal, na Faculdade de Medicina da Bahia, em abril de 1901, dizia, ao ser empossado da direção da respectiva Cadeira^(14,4): “*Creada em 1832, a cadeira de medicina legal da Bahia vai ter agora o sexto cathedratico, quando no mesmo lapso de tempo a do Rio de Janeiro tem tido tres apenas.*” E acrescentava que a história do ensino da cadeira de Medicina Legal era dividida em tres fases: “*a primeira, que vae da criação da cadeira, em 1832, á reforma de 1854, com João Francisco de Almeida e Malaquias Alvares dos Santos, prematuramente fallecido; a segunda, que vai de 1856 á reformas de 1882, com Salustiano Ferreira Souto e Francisco Rodrigues da Silva: a terceira, em que nos achamos e que começa com Virgilio Damazio em 1882*”. Dizia ainda na referida lição de abertura: “*O ensino pratico de Medicina Legal que se dá hoje nesta Faculdade é um fruto do esforço e da vontade pessoais do professor, produto de uma atividade que não é a que dele exige ou lhe impõe o regulamento, mas da que lhe ditam as suas convicções e a idéia que faz das necessidades do ensino a ele confiado. O que nunca se pôde conseguir oficialmente entre a Faculdade e a Chefatura de Policia, obtive das minhas relações pessoais com os distintos medicos do serviço medico-legal desta ultima repartição. Não é a primeira vez que dou publico testemunho dos reais serviços prestados a este ensino pelo Dr. Octaviano Pimenta e mais tarde pelo seu companheiro Dr. Aristides de Andrade. Sempre os achamos prontos a atender aos nossos pedidos de coadjuvação, avisando-nos dos casos mais importantes, facilitando o exames com a presença dos alunos, demorando para isso os exames e muitas vezes repetindo-os, concedendo-nos a conservação das peças anatomicas que a deficiencia da instalação da policia não lhes permite ainda aproveitar ...*

“*Tenho mesmo o prazer de declarar que encontrei sempre da repartição de policia da Bahia a melhor boa vontade e todas as facilidades para os meus estudos. Desde 1895, instituimos um serviço ainda muito irregular de clinica forense nos hospitais, asilos, penitenciarias e chefaturas de policia. Estes cursos, pelas razões expostas, não podem ser muito seguidos.*

“*Costumo, por isso, estudar previamente os casos aproveitaveis e uteis ao ensino e em algumas lições mostralos aos alunos. Assim temos conseguido fazer, com os alunos, cursos metodicos de afrodialogia forense, de antropologia criminal, de psiquiatria e de traumatologia forense.*

“*Para tirar todo o proveito das poucas autopsias judiarias que os alunos podem assistir, criamos desde 1895, nos anfiteatros de anatomia e em cadaveres do*

Hospital de Caridade, um curso metodico de estudo das alterações cadavericas e de instrução pratica dos alunos nos processos gerais da autopsia medico-legal.

“*No laboratorio propriamente dito, funciona um curso de exame de manchas, marcas etc., dos elementos de identidade pelo exame do esqueleto; de preparação de peças anatomicas, de exames microscopicos, etc.*

“*Como atestado da realidade destes estudos praticos, eu tenho a satisfação de inaugurar hoje o nucleo do primeiro museu medico-legal do Brasil*^(4,14)”.

Enquanto era reconstruído o pavilhão para nele ser instalado a Medicina Legal, durante as grandes obras de reconstrução e ampliação do edifício, após o incêndio de 2 de março de 1905, Nina Rodrigues oficiou ao diretor Alfredo Britto, no dia 20 de julho de 1905, formulando as bases para um acordo entre o governo do estado e a Faculdade de Medicina da Bahia, com o escopo de funcionar parte do serviço médico-legal do estado no pavilhão em via de reconstrução. Os docentes de Medicina Legal trabalhariam em parceria com os médicos legistas da polícia, ficando incumbidos de fornecer às autoridades relatórios ou pareceres sobre os trabalhos de tal mister que fossem realizados.

E para que possuíssem valor legal aos seus atos no assunto, o governo estadual conferiria aos ditos professores a qualidade de peritos oficiais.

Faleceu, todavia, o professor Raymundo Nina Rodrigues às 4 ½ horas, do dia 17 de julho de 1906, em Paris, em um quarto do Nouvel Hotel, 49, rue La Fayette, antiga rue Charles X, com apenas 43 anos de idade, não deixando o destino que ele presenciase a inauguração da sua grandiosa obra⁽⁶⁾.

Os projetos para a construção e instalações do novo Instituto Médico-Legal foram da lavra de Nina Rodrigues.

Um dia após o falecimento do pranteado professor, Congregados os lentes da Faculdade de Medicina da Bahia, em 18 de julho de 1906, o professor Francisco Bráulio Pereira apresentou moção propondo, dentre outras, que fosse denominado Instituto “Nina Rodrigues” o novo pavilhão destinado à Medicina Legal, que foi aprovada unanimemente⁽⁶⁾.

A obra de Nina Rodrigues teve dignos sucessores: o professor Oscar Freire de Carvalho, catedrático da disciplina de 1915 a 1922, e como colaboradores Josino Correia Cotias e José de Aguiar Costa Pinto.

Por decreto de 21 de dezembro de 1911, o Governador do Estado, Dr. Araújo Pinho, reorganizou e regulamentou o Serviço Médico Legal da Polícia, consoante o acordo feito com a Faculdade, em 31 de Dezembro de 1907, sendo governador o Dr. José Marcellino de Souza.

O Serviço Médico-Legal da Polícia no Instituto “Nina Rodrigues” foi solenemente instalado em 30 de dezembro de 1911.

As transformações culturais, científicas e sociais desencadeadas pelo gênio de Nina Rodrigues, analisadas pelo Dr. Arthur Ramos, geraram a Escola Médico Legal da

Bahia, ou Escola de Nina Rodrigues, segundo a conceituação de médico legista de nomeada⁽¹⁶⁾. Dentre seus alunos, ao depois professores: Afrânio Peixoto, de Higiene e Medicina Legal, nas Faculdades de Medicina e de Direito, no Rio de Janeiro; Diógenes de Almeida Sampaio, de Química Médica e Assistente de Medicina Legal, no Rio; Costa Pinto e Oscar Freire, catedrático de Medicina Legal, ao depois lecionando em São Paulo, tendo fundado a cátedra; Lins e Silva, de Medicina Legal, nas Faculdades de Medicina e de Direito do Recife; e Ulysses Paranhos⁽¹⁵⁾.

São dignos de menção os fieis e proficientes seguidores da “Escola da Bahia”, em nosso estado: o Prof. Dr. Estácio de Lima, a Prof.^a Dr.^a Maria Theresa de Medeiros Pacheco e o Dr. Lamartine de Andrade Lima.

Em 30 de novembro de 1891, em substituição ao professor catedrático, Conselheiro Virgílio Climaco Damazio, reportava Nina Rodrigues ao Dr. Luiz Anselmo da Fonseca ter lecionado a disciplina de Medicina Legal de junho até outubro de 1891, ocupando-se das questões de imputabilidade, capacidade e identidade, da tanatologia e afrodisiologia forenses⁽¹⁴⁾.

O atraso em que se achava o curso de Medicina Legal era devido ao costume abusivo dos alunos de tirarem férias desnecessárias e prolongadas de semanas e até meses e interrupção brusca em fins de outubro por haverem todos requeridos exames livres nessa época. Faltavam os alunos, por conseguinte, ao estudo da toxicologia.

Os estudos práticos de Medicina Legal foram realizados consoante o programa apresentado por Nina à Congregação no seu primeiro relatório mensal, não obstante as inúmeras dificuldades apostas à sua execução. Uma delas era a deficiência do laboratório de materiais para os importantes estudos práticos sobre infanticídios; falta de um serviço prático de Medicina Legal, funcionando como auxiliar de justiça pública e de onde fosse possível retirar os elementos deste ensino.

Não foi possível a Nina Rodrigues realizar um só dos trabalhos do serviço externo de Medicina Legal.

Comunicou então à Congregação, que oficiou à diretoria, para que fosse autorizado entender-se com as autoridades policiais a respeito do serviço prático externo de Medicina Legal.

Foi muito bem recebido pelo chefe de polícia que lhe fez muitas promessas, nenhuma delas cumpridas, nenhum cadáver foi fornecido para a prática de autópsias judiciárias nem foi convidado para assistir aos corpos de delito realizados na chefatura de polícia. Foi sempre regular a frequência dos alunos, afora as épocas de férias prolongadas durante o ano. A aplicação média foi também regular, recebendo muitos estudantes bom aproveitamento⁽¹⁴⁾.

O professor de Medicina Legal, Raymundo Nina Rodrigues, de 35 anos de idade, relatava à egrégia Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus, a 29 de março de 1897, a Memória Histórica da dita Faculdade concernente ao ano de 1896⁽¹⁹⁾.

Confessava o insigne memorialista a sua grande preocupação de “estabelecer o estado atual do nosso ensino medico-prático.” Referiu-se ao histórico da Faculdade de Medicina da Bahia como “mais ou menos brilhante”. É assaz sagaz e sarcástico, porém sincero e verdadeiro, ao discorrer sobre a imutável e genuína aspereza da verdade histórica ao emitir juízo em derredor dos sucessos acadêmicos de 1896.

Considerava o ensino teórico “com todo seu aparato espetaculoso de sucessos oratorios, e que na avidez dos aplausos sacrifica, sem pejo, a utilidade do ensino, por mais de meio seculo de esterilidade banal ...” e, mais adiante, “Os impulsos indomáveis da retórica recalitrante não salvam o ensino, quando falta a verdade científica.”

Ponderava serem “escassos e de procedencia muito suspeita os documentos de que dispõe o historiador para julgar o curso pratico das diferentes disciplinas lecionadas na Faculdade,” porquanto se restringiam aos relatórios apresentados à Congregação no término do ano letivo.

Os professores registavam nos seus relatórios que se consideravam satisfeitos quanto às condições de instalação e aparelhos para as lições do curso pratico, excetuando-se os professores substitutos da 1.^a seção, professor de Botânica e Zoologia Médicas e do de Medicina Legal, colocando-se, destarte, segundo confessou Nina Rodrigues, em primeiro lugar entre os que consideravam incompletos os cursos práticos de suas respectivas Cadeiras. Afirmava, destemidamente, que, “Em materia de instalação, o laboratorio de medicina legal é o menos afortunado da Faculdade, é o enteado entre tantos irmãos.”

Com referência às condições precárias da instalação do laboratório de Medicina Legal, responsabilizava o “atraso e desorganização da Justiça Administrativa, da Justiça do país e a responsabilidade desta Congregação que não tem querido tomar na devida consideração as exigencias deste ensino. A falta de uma organização medico-judiciaria no país, a carencia de um titulo ou diploma especial do medico perito, que, aliás, contra todas as tendencias do ensino moderno nos países civilizados, a Congregação já declarou que não é necessario entre nós, estão no 1.^o caso e são as causas remotas. As dificuldades do ensino, em si mesmo estão no 2.^o caso e são as causas immediatas em que a Faculdade podia ter ação.”

Denunciava que, em 1896, os alunos nunca tiveram oportunidade de comparecer à chefatura de polícia e raras vezes foram ao hospital, não passando de meia dúzia o número de estudantes que estudaram ferimentos e ajudaram nas autópsias judiciárias. A deficiência da Cadeira de Anatomia descritiva foi revelada: “Os cadaveres foram em numero insuficientes, alguns em estado de não poderem ser aproveitados por estarem em putrefação, e chegaram quase sempre depois da hora marcada (10 da manhã) para os trabalhos praticos.” “Em seguida dá o mesmo professor o número de cadaveres de que dispôs a Cadeira,

discriminadamente, pelos meses, sendo o total anual de 29; 7 o maior numero por mes, e 2 o menor.” “No entanto, no relatório do chefe dos trabalhos anatomicos, figuram 43 cadaveres para esta Cadeira.” E Nina interrogava: “Diante de uma Faculdade de Medicina em que não existe estudo pratico de Anatomia, o que valem os gabinetes e laboratorios repletos de aparelhos, principal mira da organização do ensino pratico entre nós?”. E lamentava a inexistência de aparelhos frigoríficos na Faculdade e o não procedimento nos anfiteatros da utilização rotineira das injeções conservadoras para coadjuvarem no ensino prático de Anatomia.

Respeitante ao ensino de clínica médica e de outras disciplinas, o historiador da Faculdade em 1896 enfatizou a apreciação do relatório do Conselheiro Ramiro Affonso Monteiro: “*Desde a simples noção sobre a anamnese que não raro é inverídica e incompleta, até a autopsia, quando se oferece pratica-la, toda a estada do doente no Hospital é acompanhada de uma serie de falhas que dificultam a justa apreciação da marcha e evolução da molestia; falhas que não me dou ao trabalho de enumerar, porque são do conhecimento de todos nós que frequentamos aquele estabelecimento e que são devidas em parte á ignorancia da maioria do doentes que o procuram e em parte tambem á exiguidade dos meios de que é servido*”.

O memorialista do sobredito ano letivo teceu rápidas considerações sobre o relatório das cadeiras de Clínica Propedêutica e da 2.^a cadeira de Clínica Médica, exaradas para o ano de 1896: “*A primeira tem laboratorio regular, mas não tem frequencia; a segunda não tem laboratorio, não tem frequencia, não tem doentes.*”

O celebrado cientista pretendeu demonstrar nas suas memórias que o ensino médico oficial no Brasil, não obstante existir há quase uma centúria, ainda não tinha vida própria. Concluiu apresentando as condições fundamentais para o ensino moderno, que dependia, segundo ele, de locais adequados, material suficiente e pessoal idôneo e capacitado, que promovesse a investigação experimental, fixando o trabalho do professor no seu laboratório de pesquisas, que tivesse a capacidade de contagiar a teoria em seus discípulos através da demonstração experimental de maneira que os alunos pudessem, um dia, assumir o cargo de professor⁽¹⁹⁾.

A polêmica e corajosa Memória Histórica da lavra do imortal Nina Rodrigues, ante os melindres e suscetibilidades dos seus pares da corporação de lentes, sofreria a censura dos tíbios e intolerantes. Não lho permitiram a sua publicação. Mas a verdade histórica não sucumbiu aos néscios e incapazes e os enunciados da notável Memória foram reverberados e ouvidos anos afora, até os nossos dias. Todavia, a egrégia Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia, em histórica sessão de 23 de abril de 1975, acolhendo o douto e judicioso parecer de seu relator, o

Prof. Dr. Estácio de Lima, aprovou a publicação da celebrada Memória Histórica na edição memorável de relançamento da respeitável e veneranda Gazeta Médica da Bahia, fundada a 10 de julho de 1866.

Não poupou esforços o Professor Nina Rodrigues, coadjuvado pelo diretor Alfredo Britto, até os últimos momentos de vida de levar a efeito o seu ideal de instalar um modelar ensino teórico e prático de Medicina Legal, não obstante ter, no alvor do seu sacerdócio de Hipócrates, entrado na seara da Medicina preventiva, higiene e clínica médica, avançando na antropologia geral e criminal, preocupando-se sobremaneira com a científica análise “*sobre a diferença das respostas do meio ambiente às agressões ao somático e ao psíquico,*” sendo, por conseguinte, precursor dos estudos dos problemas nacionais relacionados à antropologia⁽¹⁶⁾.

O epílogo deste trabalho, determinado pelos limites da quantidade de páginas impressas na Gazeta Médica da Bahia, infere que o moço Raymundo Nina Rodrigues, ao matricular-se no 1.^o ano do curso médico da Faculdade de Medicina da Bahia, no largo do Terreiro de Jesus, a 10 de Março de 1882, teve a história do seu tirocínio estudantil envolto em misterioso e obscuro reposteiro, em virtude dos óbices em localizar os documentos relativos ao seu desempenho como estudante de Medicina nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

Exibe este artigo a precariedade da estrutura do edifício da Faculdade de Medicina da Bahia, com seus pavilhões acanhados, mal divididos, mal arejados, com iluminação deficiente e anti-higiênicos durante os anos de 1882, 1884, 1885, 1891, 1902 e 1903.

São apresentadas informações do diretor da Faculdade no ano de 1905 dando conta da rapidez com que foram reparados os prejuízos provocados pelo incêndio de 2 de março daquele ano, evoluindo os trabalhos de reconstrução em observância ao projeto elaborado e consentido pelo governo federal, com a ampliação do espaço deixado pela demolição de 13 prédios e reportando-se às obras de recuperação e alargamento dos laboratórios danificados, ajardinamento, edificação de amplo anfiteatro, projeção da *Morgue*, biotérios, novo almoxarifado e amplos pavilhões de cimento armado, além da instalação definitiva do salão nobre, museu, panteão, sala das congregações, a dos lentes, as da secretaria e diretoria etc.

São oferecidas sinopses de textos da lição de abertura do curso de Medicina Legal, em 1901, versando sobre os progressos da Medicina Legal no Brasil no século XIX, e de relatório como substituto da 5.^a Seção, em 15 de março de 1892, relativo ao ano de 1891 e encaminhado ao Dr. Luiz Anselmo da Fonseca, Lente Catedrático de Física Médica e ex-adjunto de Higiene e História da Medicina; relatório da Cadeira de Medicina Legal, datado de 30 de novembro de 1892; sumário da Memória Histórica apresentada pelo

professor Raymundo Nina Rodrigues á Congregação da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia, em 29 de março de 1897, concernente ao ano letivo de 1896, quando são mostradas sintéticas abordagens em ambos os documentos respeitantes ao ensino prático da Faculdade, mormente da disciplina de Medicina Legal nos anos de 1891 e 1896.

Desditosamente, torna a dar-se a epopéia dramática das diferentes fases e particularidades de ações penosas e árduas na azáfama da diretoria da Faculdade de antanho, que era carregada de sentimento veemente pela restauração, ampliação, modernização e conveniente utilização dos velhos, acanhados, escuros, mal arejados e anti-higiênicos pavilhões e gabinetes do edifício da Faculdade de Medicina da Bahia. A História se repete. Em tempos passados, a desídia de alguns e a luta desigual de muitos, impregnada de amor filial e zelo acendrado da maioria dos diretores, ombreados com ilustrados pares da Congregação de lentes da anciana Faculdade de Medicina da Bahia em prol dos melhoramentos do prédio do estabelecimento de ensino médico; aqueles que entraram na liça depararam-se com os obstáculos criados pela insuficiência de verba e pelo molesto farisaísmo, má vontade e óbices burocráticos dos governos do Império e da República. Hoje, a incúria dos iconoclastas, que abandonaram o prédio venerável da Faculdade, ameaçado de profligar e derruir os vigamentos e abater a parte exterior da cobertura do edifício, a despeito da pugna sobre-humana, da mesma maneira desproporcional, de passadas Diretorias e da atual Diretoria, da egrégia Congregação e da Universidade Federal da Bahia, ao lado de médicos e associações da classe médica, pela restauração e revitalização da propecta e em outro tempo, magnificante e, agora, assaz desamparada Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus.

A celebração do bicentenário da instituição primaz do ensino médico nacional, a 18 de fevereiro de 2008, não será um aparato solene e infecundo e sim uma projeção de resplandecente fulgor com a qual, pela história da Medicina, tornaremos redivivos o pretérito; será um olhar para o passado, dirigido para a origem de ensinos das ciências médicas e para o fundamento das transmissões de conhecimento e prática das gerações finadas, que revitalizaram o legado que herdaram e aproveitaram as lições edificantes.

Destarte, se toda a Bahia médica tiver a dita de contemplar no expressivo bicentenário da criação do ensino médico e da instrução superior nacional, no ano de 2008, o venerando edifício da Faculdade de Medicina da Bahia plenamente restaurado, observando fielmente seu belíssimo e portentoso estilo arquitetônico de outrora, fortalecerá, seguramente, crenças, animará adesões ao conjunto de transformações hodiernas ocorridas no ensino médico por meio dos cursos de pós-graduação,

pelo funcionamento do programa de Educação Médica Continuada e cursos e atividades de pesquisa e extensão e agremiará simpatias e incitará entusiasmos. Será a ocasião oportuna em que todos terão consciência da extraordinária herança legada pelos seus fundadores e da heróica peleja pelo desenvolvimento da Faculdade de Medicina da Bahia, narrada pela epopéia grandiosa e heróica da sua História.

ARQUIVOS

Fontes historiográficas primárias manuscritas e originais

1. Arquivo Público do Estado da Bahia - Seção Republicano. "Commissariado" de Policia do Porto - Livro de Entrada de Passageiros n.º.03 - data: 09 de março de 1882.
2. Faculdade de Medicina da Bahia, no largo do Terreiro de Jesus. Arquivo do Memorial da Medicina Brasileira.- Universidade Federal da Bahia. Maço contendo os documentos manuscritos originais e inéditos exigidos para a matrícula do preparatoriano Raymundo Nina Rodrigues, em 10 de março de 1882, na 1.ª série do curso médico na Faculdade de Medicina da Bahia.
3. Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, da Universidade Federal da Bahia. Biblioteca e Arquivo do Memorial da Medicina Brasileira. Livro de "actas" da Congregação - 1898-1903 - p. 152-161v

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes historiográficas primárias e secundárias impressas

4. Aragão GMS. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1924. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p.191-196, 1940.
5. Bomfim A. Faculdade de Medicina da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia. Edição Especial do Centenário. 1923. Salvador, p. 470, 1923.
6. Britto ACN. O falecimento do professor doutor Raymundo Nina Rodrigues, em Paris, a 17 de julho de 1906 e a narrativa da chegada do cadáver ao porto desta capital, no dia 10 de agosto do mesmo ano. A exposição minudenciosa das exéquias do célebre cientista brasileiro. Documento capturado em 8 de maio de 2006 na "home page" <http://www.medicina.ufba.br/historia>, 2006.
7. Britto ACN. A medicina baiana nas brumas do passado. 1.ª edição, Contexto & Arte Editorial: Salvador, p. 311-322, 2002.
8. Britto A. O ensino na Faculdade de Medicina da Bahia. Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia para o ano de 1903. 1.ª edição, Typografia Bahiana: Bahia, p. 234-239, 1904.
9. Britto A. Desenvolvimento do ensino em 1905. Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia para o ano de 1905 - Typografia Bahiana: Bahia, p. 267-272, 1906.
10. Carvalho AA. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1884. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p. 25, 1885. In: Oliveira ES. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1942. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p.94, 1992.
11. Filho JFEC. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente aos anos de 1909 - 1910. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p. 54, 1913.
12. Fonseca LA. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1891. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p.54-73, 1893.
13. Fonseca LA. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1891. Universidade Federal da Bahia: Salvador. Anexo. p.XXVIII-XXXV, 1893.

14. Fonseca LA. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1891. Universidade Federal da Bahia: Salvador. Anexo. p.LXIV-LXV, 1893.
15. Lima LA. Roteiro de Nina Rodrigues. 2.^a edição. UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, Salvador: p.9, 1984.
16. Pacheco MTM. Raymundo Nina Rodrigues. Sinopse Informativa. Órgão da Diretoria da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Gráfica Universitária: Salvador, p.269, 1978.
17. Pereira AP. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1882. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p..36-38, (o exemplar consultado não regista o ano da publicação).
18. Rodrigues RN. Os progressos da Medicina Legal no Brasil no século XIX. Lição de abertura do curso de Medicina Legal na Faculdade da Bahia, pronunciada em abril de 1901. Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia para o ano de 1902. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, p. 11- 50.
19. Rodrigues RN Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1896. Universidade Federal da Bahia. Gazeta Médica da Bahia. 1.^a edição. Salvador: p 17-25, 1976
20. Saraiva MJ. Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia. Concernente ao ano de 1885. Universidade Federal da Bahia: Salvador, p. 34-38, 1986.